

## Pedro Rabelo, escritor naturalista

Leonardo Mendes<sup>1</sup>

Riane Avelino Dias<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho conta a história do escritor esquecido Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905). O escritor desapareceu da historiografia, mas era da mesma geração de Olavo Bilac (1865-1918) e Coelho Neto (1864-1934). Como eles, foi escritor atuante nos primórdios da República, no jornalismo e na ficção, e membro-fundador da Academia Brasileira de Letras (1897). Publicou em vida quatro livros: *Ópera lírica* (1893), livro de poesia; *A alma alheia* (1895), livro de contos, sendo ambos assinados com o próprio nome. Já *Filhotadas* (1897) e *Casos alegres: histórias para sorumbáticos* (1905) são assinadas pelo pseudônimo Pierrot e reúnem textos humorísticos publicados em periódicos. O trabalho especula sobre as razões do esquecimento de Pedro Rabelo e propõe incluí-lo no rol dos escritores naturalistas brasileiros.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Naturalismo. Pedro Rabelo. Machado de Assis.

### Pedro Rabelo, escritor esquecido

A notícia da morte por tuberculose do escritor carioca Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905), aos 37 anos, no dia 27 de dezembro de 1905, teve repercussão acanhada na imprensa, se comparada ao anúncio do falecimento, alguns anos antes, de outros escritores da mesma geração, pela mesma doença, como João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864-1894) e Francisco de Paula Nei (1858-1898). Tanto Pardal Mallet quanto Paula Nei ganharam longas colunas de encômios nos jornais mais importantes da capital, com velórios e enterros cheios de pessoas importantes, citadas nominalmente, em longas reportagens na *Gazeta de Notícias*, no *Cidade do Rio* e no *O Paiz*, entre outros. Pedro Rabelo foi ele mesmo uma das presenças notáveis nos enterros. Quando chegou a vez dele, entretanto, a *Gazeta de Notícias* emitiu somente uma nota curta e fria de falecimento, lamentando que o escritor dera ô muito menos do que era justo esperar

<sup>1</sup> Doutor em Letras (Teoria Literária), University of Texas, Austin, EUA. Professor associado do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, Brasil. E-mail: leonardomendes@utexas.edu.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, Brasil. Bolsista FAPERJ. E-mail: rianeavelinodias@hotmail.com.

de poeta tão espontâneo e tão fluente prosador.<sup>3</sup> No dia seguinte, noticiou o enterro em outra nota breve, sem detalhar quem compareceu. Olavo Bilac (1865-1918), da mesma geração e de quem Pedro Rabelo era próximo, não estaria presente? É difícil acreditar que não. Se os obituários revelam o interesse público pelo morto (LILTI, 2014), a notícia tímida do enterro do escritor sugere que seu desaparecimento começou antes de sua morte.

Pedro Rabelo pertencia ao entorno de um grupo de jovens escritores republicanos e abolicionistas célebres: Pardal Mallet (1864-1894), Paula Nei (1858-1897), Olavo Bilac (1865-1918), Aluísio Azevedo (1857-1913), Henrique Coelho Neto (1864-1913) e Sebastião Guimarães Passos (1867-1909). Entre 1885 e 1895, aproximadamente, eles encenaram no Rio de Janeiro uma experiência de sociabilidade semelhante à de *Cenas da vida boêmia* (1845), de Henri Murger (1822-1861). Eles foram a primeira geração de literatos brasileiros a viver profissionalmente da escrita (OLIVEIRA, 2008; PEREIRA, 1994). Eram celebridades nacionais ó especialmente Bilac, que encarnava o mito do poeta romântico (embora escrevesse poesia parnasiana) ó, com colunas e escritos reproduzidos em jornais de todas as regiões do país. Enquanto viveu, Pedro Rabelo atuou em vários projetos em parceria com esses escritores famosos. Tinha idade, ideais e cultura semelhantes, mas talvez não a mesma disposição para as batalhas pelo reconhecimento artístico. Companheiro ocasional das jornadas étlicas do grupo, Pedro Rabelo participava de reuniões, jantares e festejos, mas não era do núcleo duro. Nos romances autobiográficos de Coelho Neto, *A conquista* (1899) e *Fogo fátuo* (1929), que termina em 1898 ó ano da morte de Paula Nei ó, o escritor não aparece.

O casamento de Pedro Rabelo seria uma explicação para a sua relativa invisibilidade na crônica histórica. O enlace com Edwiges Rodrigues Silva cedo o retirou da vida boêmia, exigindo-lhe disciplina e renda para manter as duas filhas ó Silvia, que nasceu em 1895, e Célia, em 1897, sendo que uma terceira, Hilda, morreu aos 20 dias em 1898.<sup>4</sup> Pedro Rabelo passou a intercalar a atividade jornalística com o trabalho na secretaria do Conselho da Intendência Municipal, do qual era chefe da 1ª. seção quando faleceu. O excesso de trabalho não ajudava a

<sup>3</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 1. Os periódicos citados nesse trabalho foram consultados online na Hemeroteca Digital Brasileira e estão disponíveis em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

<sup>4</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1898, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

saúde precária de um escritor conhecido por sua magreza e pelo ãgrossos *pince-nez* de míopeõ (BROCA, 2004, p. 72). Depois que morreu, a Associação de Funcionários Públicos Civis entregou à viúva a quantia de 500 mil réis, equivalente a um mês e meio do salário médio do funcionalismo público.<sup>5</sup> A tuberculose o pegou na época da juventude e houve várias crises antes do desfecho final. No obituário de *O Paiz*, o articulista culpava õuma certa filosofia pessimista e boêmiaõ pelo agravamento da doença do escritor.<sup>6</sup> Apesar de menos famoso e produtivo, Pedro Rabelo era associado, por temperamento, idade, predileções estéticas e posicionamentos políticos, à geração dos afamados boêmios Pardal Mallet, Paula Nei, Olavo Bilac, Guimarães Passos e Coelho Neto.

De fato, a proximidade com os escritores dominantes permitiu a inclusão de Pedro Rabelo no seletos grupo de fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897, assumindo, aos vinte e oito anos, a cadeira de número 30, para a qual indicou Pardal Mallet como patrono. Ao lado de Machado de Assis (1839-1908) e Rodrigo Otávio (1866-1944), o escritor compõs a primeira diretoria da agremiação.<sup>7</sup> Na ocasião, tinha duas obras publicadas em seu nome: *Ópera lírica* (1893), um volume de poesia parnasiana editado pela Imprensa Nacional; e *A alma alheia* (1895), uma coletânea de contos naturalistas publicada pela Casa MontøAlverne. No ano da criação da Academia Brasileira de Letras, a Livraria Laemmert reuniu em volume, com o título de *Filhotadas*, alguns escritos esparsos de Pedro Rabelo publicados na coluna humorística õO Filhoteõ, na *Gazeta de Notícias*, sob o pseudônimo de Pierrot. Em 1905, ano de sua morte, a livraria reuniu mais contos e poemas inéditos de Pierrot no volume *Casos alegres: Histórias para sorumbáticos*. Outros escritos de Pedro Rabelo como jornalista, redator, cronista, repórter e folhetinista, muitos sem identificação de autoria, ainda se espalham pelos periódicos.

<sup>5</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 jan. 1906, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2017. Quando morreu em 1897, o escritor cearense Adolfo Caminha (1867-1897) recebia 300 mil réis mensais como servidor na Secretaria do Tesouro, no Rio de Janeiro (AZEVEDO, 1999, p. 86).

<sup>6</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

<sup>7</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1897, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2017.



**Fig. 1:** Pedro Rabelo em rara fotografia, cerca 1900, sentado à direita, em companhia de Plácido Junior e Martins Passos.<sup>8</sup>

### O jornalismo e a vida literária

Pedro Rabelo se aproximou do grupo de escritores boêmios por volta de 1886, aos 18 anos.<sup>9</sup> Era a época da campanha abolicionista e das batalhas pela república. A juventude boêmia se agrupava em torno do jornalista negro José do Patrocínio (1853-1905), diretor do jornal *Gazeta da Tarde* e, a partir de 1887, do diário *Cidade do Rio*. Os dois jornais atuavam na linha de frente do movimento abolicionista. Patrocínio acolhia, incentivava e contratava os jovens artistas,

<sup>8</sup> Academia Brasileira de Letras, Acervo Pedro Rabelo (pasta 404-R).

<sup>9</sup> Eloy Pontes, um dos biógrafos de Bilac, alega que Pedro Rabelo era um dos frequentadores noturnos da sala alugada pelos escritores na rua Senhor dos Passos, em 1886. A ideia era ter um pouso no centro da cidade, onde pudessem jogar o corpo depois das jornadas boêmias e abolicionistas (PONTES, 1944, p. 83).

assim como os acompanhava em comícios, conferências e bares (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 1981). A agitação política nos últimos anos do Império multiplicou o número de periódicos, que circulavam num ambiente de notável liberdade de imprensa (MELLO, 2007). As pequenas folhas, de circulação restrita e ligadas a grupos políticos oligárquicos, começam a perder espaço para os grandes jornais (SODRÉ, 1983). O aumento no número de impressos ampliava as oportunidades de trabalho para jovens escritores cultos sem fortuna, como Pedro Rabelo. Se na França os românticos foram a primeira geração tocada pela febre dos periódicos (THÉRENTY, 2007, p. 13), no Brasil esse papel coube aos escritores naturalistas e parnasianos. Todos foram jornalistas de destaque na nova imprensa, de onde tiravam seu principal sustento (BROCA, 1991).

Pedro Rabelo contribuiu para vários jornais. Começou no *Correio do Povo*, órgão do Partido Republicano, nos tempos da propaganda. Em 1889 aparece como redator de *O Paiz*, que competia com a *Gazeta de Notícias* como jornal mais influente da capital. As duas folhas nutriam simpatias abolicionistas e republicanas. Após a mudança de regime, trabalhou como repórter dos debates parlamentares para o *Diário Oficial*, sendo capaz de transformar as áridas interlocuções dos deputados em conversa viva e agradável.<sup>10</sup> Passou, em seguida, por vários periódicos da capital, como o *Diário de Notícias*, o *Diário do Commercio*, a revista *A Estação* onde Machado de Assis publicou originalmente *Quincas Borba* e a *Revista Teatral*, atuando como noticiário e cronista literário. No vespertino *A Notícia*, assinava o folhetim *Garatuja* com as iniciais P. R., dedicando-se ao debate das questões políticas do momento. Em 1895, ao lado de Bilac e do caricaturista Julião Machado, dirigiu a revista ilustrada *A Cigarra*. Aparece em 1902 como jornalista do diário *A Capital*, de Niterói, ao lado outra vez de Bilac e Guimarães Passos. No ano de sua morte, contribuiu para a revista *Anais: Semanário de Literatura, Arte, Ciência e Indústria*, dirigida pelo escritor Domingos Olímpio (1851-1906), autor do romance naturalista *Luzia-Homem* (1903).<sup>11</sup>

<sup>10</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

<sup>11</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1905, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

### *Gazeta de Notícias*

Além desses periódicos, Pedro Rabelo foi colaborador da *Gazeta de Notícias*, o jornal mais influente do país na passagem do Império para a República. Fundada em 1874, pelo jornalista Ferreira de Araújo (1847-1900), a *Gazeta de Notícias* foi o primeiro jornal brasileiro montado como empresa comercial, sem vínculos diretos com grupos de poder (PEREIRA, 2004). Foi o primeiro a ser vendido avulso, em quiosques e pelas ruas da cidade, por meninos vendedores, ao preço módico de 40 réis, enquanto o conservador *Jornal do Commercio* saía a 100 réis e só era vendido por assinatura. Numa crônica de 1909, Bilac exaltou Ferreira de Araújo como o primeiro jornalista a dar ao Rio de Janeiro ão jornal leve e barato, verdadeiro espelho da alma popular, síntese e análise de suas opiniões, das suas aspirações, das suas conquistas, dos seus progressosö (BILAC, 1996, p. 190). Com uma diagramação nova, que facilitava a leitura, a folha foi o primeiro jornal brasileiro a vender dezenas de milhares de exemplares diariamente. Destacava-se por remunerar os escritores pelas contribuições, prática logo seguida pelas outras folhas.<sup>12</sup> O investimento em literatura profissionalizava a atividade da escrita e popularizava a leitura (MINÉ, 2005). Trabalhar com Ferreira Araújo era o sonho de todo jovem escritor.

Sempre emparelhado a Machado de Assis, Olavo Bilac e Coelho Neto, Pedro Rabelo foi colaborador destacado da *Gazeta de Notícias*. Em 1898, na ocasião do aniversário do jornal, o editorialista do *Cidade do Rio* (provavelmente José do Patrocínio) prestou homenagem ao concorrente e louvou sua equipe de colaboradores: ãA sua redação é uma constelação. Henrique Chaves, Ramiz Galvão, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Coelho Neto, Pedro Rabelo fariam honra ao jornalismo e às letras do país mais adiantadoö.<sup>13</sup> Naquele mesmo ano, na missa de Ação de Graças pelo término do governo de Prudente de Moraes (1841-1902), Pedro Rabelo compareceu representando a *Gazeta de Notícias*.<sup>14</sup> Nessa qualidade, ele foi a bordo de navios receber visitas ilustres, assim como participou de solenidades no Congresso Nacional. Em 1900, excursionava

---

<sup>12</sup> Machado de Assis chegava a receber 50 mil-réis por crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, mas a regra era receber a metade dessa quantia, numa época em que o aluguel mensal de um quarto mobiliado no centro da cidade custava em torno de 70 mil-réis.

<sup>13</sup> *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1898, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

<sup>14</sup> *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1898, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.



pelo Brasil um artista conhecido como Professor Banobelab, que cobrava entrada de teatro para exibir experiências de telepatia e hipnotismo, intercaladas com apresentações de banda de música e canto. Quando passou pelo Rio, convidou alguns representantes da imprensa para um jantar íntimo no hotel onde se hospedava. Pedro Rabelo compareceu como emissário da *Gazeta de Notícias*.<sup>15</sup> Os escritores naturalistas e parnasianos representavam a inteligência do país.

### A coluna *Notas Científicas*

Pedro Rabelo foi redator anônimo de vários textos na *Gazeta de Notícias*. Graças ao obituário de *O Paiz*, sabemos que ele era responsável pela coluna *Notas Científicas*, que compôs entre 1891 e 1892, num total de 19 crônicas de vulgarização de conhecimento técnico e científico. Na França, desde a década de 1820 havia um movimento de popularização da nova ciência, herdado do Iluminismo. Em meados do século, com o aparecimento de revistas como *La Science pour tous*, se proliferaram as publicações sobre experimentos e novas descobertas. Era o nascimento da cultura geral e de uma nova classe de leitores (ANDRIES, 2011, p. 1468). No Brasil do fim do século, a *Gazeta de Notícias* compartilhava valores semelhantes de republicanismo e laicidade, fundados na ideia de que era essencial propagar o conhecimento científico para o maior número possível de pessoas. Pedro Rabelo tinha a árdua tarefa de transformar relatos científicos áridos e especializados em matéria sedutora e aplicável à vida prática do leitor brasileiro. A coluna não temia o emprego de linguagem científica, descrevia os artefatos com precisão técnica, narrava as etapas dos experimentos científicos, dava o nome dos cientistas, médicos e engenheiros cujo trabalho divulgava, assim como os vinculava às instituições a que pertenciam.

Para realizar a tarefa, Pedro Rabelo lia publicações científicas recentes, especialmente francesas. As crônicas cobriam temas de medicina, fotografia, eletricidade, telefonia, astronomia, botânica, biologia e paleontologia. Às vezes citava a fonte da informação. Para aconselhar ao leitor que era mais higiênico lavar o chão do que varrê-lo com vassoura, citava artigos recentes sobre a inutilidade de varrer a seco, publicados na *Revue de Hygiène* na *Revue Scientifique*,

<sup>15</sup>*Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1900, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

editadas em Paris.<sup>16</sup> Rabelo consultava as atas da Academia Francesa de Ciências, conhecidas por *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Sciences*. Estava a par dos experimentos executados no *Royal Institutions*, em Londres. Trazia as novidades das Exposições de Eletricidade, como a termo-pilha, que convertia o calor em eletricidade, e o gramofone de Berliner.<sup>17</sup> Como prova dos progressos na área de telefonia, trouxe a notícia da invenção do telegrafone, que permitia a pessoas em Londres ouvir em tempo real os aplausos de uma ópera em Paris. Era a invenção do teatro a domicílio, escreveu. Procurava mostrar a aplicação prática dos inventos e seu impacto na vida do leitor da *Gazeta*. Ao noticiar o aparecimento de um sistema de ventilação para livrar o ar dos odores incômodos das cidades industrializadas, sugeriu que o método fosse adotado pelas fábricas que funcionavam no centro do Rio.<sup>18</sup>

Além de crônicas sobre os progressos nas cirurgias e em outras áreas da medicina, Pedro Rabelo usou espaço considerável das *Notas Científicas* para informar sobre a tuberculose. A doença era contagiosa, incurável e o próprio escritor de 23 anos sofria dela. Associada ao imaginário romântico do início do século, a tuberculose era uma moléstia que acometia jovens mal nutridos com hábitos noturnos, alguns com fascínio pela morte como forma de redenção (BARNES, 1995). Nos primórdios da república, o Rio de Janeiro ainda apresentava focos permanentes de tuberculose (SEVECENKO, 1993). Como os românticos, os escritores naturalistas e parnasianos foram duramente afetados por ela. Além de Pardal Mallet e Paula Nei, Guimarães Passos sucumbiria em 1909. Pedro Rabelo sofria de dores físicas constantes, que seriam outra explicação para sua presença discreta na crônica histórica.<sup>19</sup> O assunto era de interesse especial para o grupo, mas também para os leitores da *Gazeta de Notícias*. Todos conheciam alguém afetado pela doença. Pedro Rabelo mantinha-se atualizado sobre os avanços e descobertas divulgados em atas de congressos internacionais e da Academia de Medicina de

<sup>16</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1892, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

<sup>17</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

<sup>18</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1892, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

<sup>19</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.



Paris. Depois resumia e tornava palatáveis as novidades, sem abrir mão da reprodução do vocabulário e do método científicos.

Tudo o que dissesse respeito ao assunto lhe interessava, desde um novo tratamento de vacas doentes que não afetava a qualidade do leite, ao debate clínico se era mais adequado, no tratamento da tuberculose local, atuar no tecido tuberculoso ou no são.<sup>20</sup> Alertava aos leitores da coluna que o leite de vaca podia transmitir a doença, mesmo que o animal parecesse saudável. Um experimento relatado na revista *Imprensa Médica de Viena* comprovou a existência de bacilos de tuberculose no pó que cobria frutas de um cesto. Daí vinha a importância de não se beber leite sem que fosse previamente fervido, assim como lavar as frutas antes de comê-las.<sup>21</sup> Esperançoso, Pedro Rabelo trazia notícias de novos tratamentos e medicamentos, como o ôcantaridato de potássio e a inoculação do paciente com ôlinfa vacínica de novilha, mas reconhecia que a ôa terrível tuberculose pulmonar ô ainda esperava ôo seu Pasteurô.<sup>22</sup> Fazia apenas uma década que o bacilo de Koch havia sido descoberto. Ao menos podia garantir, ao contrário do que se acreditava, que os filhos de pais tuberculosos não nasciam com a doença. Mas não custava ser cuidadoso e proteger a criança de todas as causas do contágio, aconselhava, afastando-a da mãe, se esta estiver infectada.

### **Pedro Rabelo, poeta parnasiano**

Pedro Rabelo começou a publicar poemas e quadras rimadas na imprensa em 1887. Dedicava sonetos a outros escritores e era igualmente objeto de dedicação de textos e poemas. Depois de sua morte, seus poemas continuaram a aparecer em jornais até pelo menos a década de 1920. Saber compor versos era praticamente um dever de todo escritor do século XIX. Mesmo prosadores assumidos, como Machado de Assis e Coelho Neto, sabiam escrever poesia. Artur Azevedo também sabia rimar, embora retirasse do teatro seu principal sustento. Num campo artístico impregnado pelo imaginário romântico, era comum o jovem artista se imaginar primeiro

---

<sup>20</sup>*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 set. 1891, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

<sup>21</sup>*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 maio 1891, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

<sup>22</sup>*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set. 1891, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

poeta e começar a carreira rimando versos para a amada. Um livro de poemas era o verdadeiro cartão de visita de um escritor com a pretensão de fazer carreira artística. Por isso, como outros escritores da sua geração, o primeiro livro de Pedro Rabelo foi de versos parnasianos, *Ópera lírica*. O volume reunia alguns sonetos e quadras já publicados na imprensa. Trazia o selo da Imprensa Nacional e custava 3 mil-réis, preço médio de um livro de 200 páginas. O prefácio era assinado por um escritor desconhecido, Manoel Alves, uma *persona* criada pelo próprio Pedro Rabelo para tecer comentários sobre a fama e o anonimato na vida literária.

O livro recebeu a palavra amiga e a divulgação em alguns periódicos importantes, mas aparentemente não empolgou os escritores dominantes. Na revista *A Semana*, dirigida por Valentim Magalhães (1859-1903), João Ribeiro (1860-1934) fez uma coluna anunciando a obra e louvando Pedro Rabelo, òum dos mais belos talentos da nova geraçãoö. *Ópera lírica*, escreveu, não era apenas uma revelação nem uma promessa, mas a òconsagração de sua justa nomeada artísticaö.<sup>23</sup> No mesmo espírito, em *O Paiz*, Eduardo Salamonde cumprimentou o escritor pela publicação de *Ópera lírica*, que definiu favoravelmente como um òbreviário de saudade e de ternuraö.<sup>24</sup> A revista *A Estação*, voltada ao público feminino, repetiu o elogio dõA *Semana* e recomendou a leitura do livro. Pedro Rabelo era conhecido e admirado pelas leitoras da revista pelo lirismo sincero com que descrevia a dor da separação e dos afetos não correspondidos. Alguns sonetos de *Ópera lírica* haviam aparecido no *Almanak das Fluminenses*, que *A Estação* mandara editar em 1889 para presentear às ògentis leitorasö da revista.<sup>25</sup> O almanaque reunia uma seleta da òelite de nossos prosadores e poetasö, comprovando a proeminência do jovem Pedro Rabelo no circuito das senhoras letradas, nos quais ler e recitar versos era uma forma importante de sociabilidade.<sup>26</sup>

Especialmente admirado pelas leitoras dõA *Estação* era o soneto dedicado ao escritor português Teófilo Braga (1843-1924), companheiro de Eça de Queirós (1845-1900) nas batalhas pelo cientificismo em Portugal, durante a òQuestão Coimbrãö. O tema era a morte dos dois filhos do escritor. O poeta trabalha com a ideia da profusão paterna de lágrimas que formava um rio

<sup>23</sup> *A Semana*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1894, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

<sup>24</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1894, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

<sup>25</sup> *A Estação*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1894, p. 26. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

<sup>26</sup> *A Estação*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1889, p. 11. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

caudaloso. O rio era o portador das õdores dos mortaisõ e, ao mesmo tempo, o filtro capaz de purificá-las. A dedicatória comprova a simpatia de Pedro Rabelo pelos ideais cientificistas da geração de 1870 em Portugal:

A Teófilo Braga

Se essas que choras, lágrimas ardentes  
Todas, pudessem, trêmulas, caindo,  
Como um rio formar que fosse o infindo  
Rio das dores dos mortais, pungentes:

Se outras ardentes lágrimas, partindo  
Todas da dor intérrima que sentes,  
Alto o rio inda mais, como as enchentes  
Elevassem-no e fossem-no impelindo;

Talvez que as águas límpidas passando,  
Nelas, da eterna dor que te assassina,  
Os soluços e as lágrimas passassem,

E os soluços e as lágrimas em bando  
Ouvindo, então, chorar como em surdina,  
Talvez que os homens, trêmulos, chorassem.<sup>27</sup>

João Ribeiro e Eduardo Salamonde eram escritores respeitados (o primeiro entraria para a ABL em 1898), mas não foram capazes de deslanchar a carreira do Pedro Rabelo poeta. A opinião majoritária sobre sua poesia foi resumida pelo articulista õCarecaõ, da *Revista Illustrada*, que em 1892 evocou seu nome como parâmetro de mau poeta célebre: õLagartixa ó oh! Que soneto medonho o sr. teve a fatal lembrança de compor! Nem o Pedro Rabelo os faz tão ruinsõ.<sup>28</sup> Acusavam-no de ser um versejador, mas não poeta. Olavo Bilac, cuja opinião como amigo e poeta parnasiano famoso era crucial, julgou *Ópera lírica* um õlivro frio e marmóreoõ. Ele escreveu essas palavras dois anos depois do aparecimento da obra, em 1895, por ocasião da publicação de *A alma alheia*. Bilac só criticou publicamente a poesia de Pedro Rabelo quando

<sup>27</sup> *Diário do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1889, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>28</sup> *Revista Illustrada*, n. 636, janeiro de 1892, n. 636, p. 7: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

podia elogiá-lo pela prosa. O silêncio em 1893 era sintomático. *Ópera lírica*, escreveu, tinha estrofes trabalhadíssimas, parnasianas, em que se conhecia a tortura do labor paciente do artista. Eram belas: lendo-as, admirava a gente a instrumentação sábia das sílabas, o bem achado das rimas, a pureza da língua. Mas ali faltava a alma do poeta.<sup>29</sup> Artur Azevedo concordava. Embora não negasse o merecimento do livro de versos, preferia o prosador ao poeta.<sup>30</sup>

### Pierrot e a literatura licenciosa

Além de cronista vulgarizador da nova ciência, Pedro Rabelo atuou como redator das seções humorísticas na *Gazeta de Notícias*. Sua verve satírica era conhecida dos amigos íntimos e oferecia contraste (mas não oposição) à desilusão *fin-de-siècle* da geração naturalista e parnasiana.<sup>31</sup> Ao lado de Bilac, Coelho Neto e Guimarães Passos, ele formou a equipe da coluna *O Filhoteo*, publicada diariamente na primeira página do jornal, entre agosto de 1896 e maio de 1897. A coluna foi criada como seção diária dedicada exclusivamente ao humor quando o jornal completou 21 anos (SIMÕES JÚNIOR, 2007). O nome *O Filhoteo* sugeria um rebento nascido das entranhas do jornal, fruto de um processo de amadurecimento que o autorizava a ousar mais. Na véspera do lançamento, uma nota apresentou a coluna como espaço de indiscrição e transgressão, associado à imagem da criança que desconhece as normas de decoro da sociedade. Por isso, pediam que desculpassem suas audácias como sinceridade infantil. *O Filhoteo* era um espaço de conteúdo adulto e licencioso, veiculado com candura infantil. Era um espaço de grande prestígio e projeção nos campos literário e jornalístico, apesar da obscenidade. O aparecimento da coluna estava ligado ao processo de visibilidade crescente da literatura licenciosa no período (MENDES, 2016b).

Os escritores usavam pseudônimos que não eram segredo para ninguém.<sup>32</sup> Além do Pierrot de Pedro Rabelo, Guimarães Passos era Puck, Bilac era Puffe Coelho Neto assinava

<sup>29</sup> *A Cigarra*, Rio de Janeiro, n. 25, 24 out. 1895, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

<sup>30</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

<sup>31</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1895, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

<sup>32</sup> Numa crônica publicada na *Gazeta de Notícias* a 25 de julho de 1897, Olavo Bilac explicou que o uso de pseudônimos não significava que um escritor queria negar a responsabilidade do que escreve. Na produção de todo do artista (ou jornalista), havia sempre a parte séria a que o escritor dá o verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente (p. 1).

Caliban. Enquanto Bilac e Guimarães Passos compunham versos, Coelho Neto escrevia em prosa. Pedro Rabelo fazia poesia e prosa, mas em *o Filhoteo* produzia exclusivamente em verso. A figura de Pierrot vinha da *Commedia dell'Arte*, um palhaço triste e ingênuo. Como os outros pseudônimos, funcionava como licença cômica para testar os limites entre o lícito e ilícito e contar histórias picantes nos jornais. Para evitar riscos, escreviam a partir da tradição do *riso* de Rabelais e de uma perspectiva carnalizada do mundo (MENDES, 2016a). O fundamento festivo rabelaisiano criava uma zona de ambivalência e libertação ligada ao *baixo corporal* (BAKHTIN, 1987), que incluía o sexo, as partes íntimas do corpo e os atos de comer e ir ao banheiro. A partir do alicerce materialista no riso obscuro, os escritores reciclavam temas, padrões retóricos e configurações narrativas da literatura libertina. Embora a historiografia tradicional não valorize esse tipo de escrita, era um trabalho altamente criativo de *poética editorial* (THÉRENTY, 2007, p. 17) que exigia vasta cultura literária e sagacidade para descrever atividade sexual explícita em linguagem indireta.

A poesia licenciosa de Pierrot em *o Filhoteo* resgatava a função da obscenidade como veículo de crítica política, que estava nas origens da pornografia moderna (HUNT, 1999). Ele compunha *Epitáfios Parlamentares* em quadras rimadas como forma de simbolizar a morte política de deputados e senadores. Fazia em verso comentários sobre as notícias do momento, mas também rimava, por diversão, histórias rabelaisianas de adultério e impotência sexual. Em outubro de 1896, com a derrotada lei do divórcio (chamada *projeto Érico Coelho*, a partir do deputado, ligado aos escritores boêmios, que o apresentou), Pierrot versejou sobre o caso a partir do olhar de uma mulher casada que sonhava com a aprovação para se livrar do marido impotente:

#### COITADINHA!

Rita, a quem o pranto embarga  
A triste fala chorosa,  
À sua comadre Rosa  
Disse ontem, em voz amarga:

*o*Ah! Sorte que me assassinas!  
Ah! Votação que me feres!  
Pergunta a Rosa Prazeres:  
    *o*Mas por que é que te amofinas?

Por quê? Caiu no senado  
O projeto do Coelho...  
Coitadinho do meu velho;  
Continua desarmado!<sup>33</sup>

Com o fim de *O Filhoteo*, a Livraria Laemmert reuniu e publicou em 1897 as poesias de Pierrot no volume *Filhotadas*. A transição dessa literatura do jornal para o livro era prova de seu sucesso. A Laemmert era uma das mais antigas e respeitadas livrarias da cidade, situada na requintada Rua do Ouvidor (HALLEWELL, 1985). Em julho, reclames começaram a aparecer nos jornais, anunciando o aparecimento da obra: *õFilhotadas, casos galantes dõO Filhote*, por Pierrot (Pedro Rabelo). Breve, 1 v., 2\$000õ.<sup>34</sup> O anúncio revelava outra vez quem estava por trás do pseudônimo, assim como usava a palavra õgalanteõ para se referir a essa literatura. Ligado ao imaginário libertino, o vocábulo õgalanteõ deixava claro que se tratava de histórias de sedução e sexo, mas contidas por boas maneiras e linguagem castiça. Vendido a 2 mil-réis, era um livro barato. A livraria também editou no mesmo ano os poemas eróticos de Puck e Puff, com o título de *Pimentões*, assim como reuniu os contos obscenos de Caliban no volume *Álbum de Caliban*, publicado em seis fascículos de 50 páginas, entre 1897 e 1898. O selo de prestígio da Livraria Laemmert autenticava uma faixa do mercado livreiro que vendia abertamente o sexo como produto de consumo e colaborava para o acolhimento dessa literatura.

O sucesso dos õcasos galantesõ de õO Filhoteõ animou Pedro Rabelo a produzir mais escritos na mesma linha. No ano de sua morte, a Livraria Laemmert reuniu textos inéditos de Pierrot num novo volume de literatura licenciosa: *Casos alegres*: histórias para sorumbáticos. O livro vinha com capa ilustrada por Julião Machado. Trazia, além de poemas, breves contos obscenos, como os de Caliban. A importância da comida e do vinho nos textos era evidente, confirmando o vínculo com o õbaixo corporalõ rabelaisiano. O foco era o sexo ilegal. No conto õRoma às avessasõ, um guarda noturno, atraído por gemidos desconfiáveis, flagra um casal tendo relações sexuais no mato no bairro do Engenho Velho. Em quadras rimadas, Pierrot descrevia um

<sup>33</sup>*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 out. 1896, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

<sup>34</sup>*A Notícia*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1897, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.



exame ginecológico e contava histórias de sexo entre primos. Uma marca desenvolvida na coluna ãO Filhoteõ era usar a inocência da criança como estratégia para veicular conteúdo licencioso nos jornais. Nos contos ãA bisnagaõ e ãA vacinaõ, Pierrot aproveitava a conversa entre duas meninas de 13 anos para descrever cenas de masturbação e ejaculação entre primos. A permissividade infantil reforçava a atmosfera descontraída de Rabelais, sem punição ou culpa. Desse modo, a linguagem chula da sátira e da pornografia era filtrada, facilitando sua aceitação e circulação.

### *A alma alheia*

Pedro Rabelo conhecia as técnicas de versificação e sabia manipulá-las com vantagem nas quadras da imprensa satírica, mas aparentemente não tinha fôlego para o bem-conceituado soneto parnasiano. Enquanto viveu, foi considerado um poeta correto, mas sem luz própria. Quando o volume de contos *A alma alheia* apareceu, em 1895, os amigos se apressaram em enaltecer suas virtudes de prosador. Olavo Bilac exultou: ãAqui, sim! Aqui está a alma do escritor. A invenção é nova; o modo de conduzir o enredo é sóbrio e original; um grande sopro de vida e de paixão atravessa estas páginas.³⁵ Valentim Magalhães citou *A alma alheia* como um dos destaques editoriais de 1895, ao lado de *Miragem*, de Coelho Neto, *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo, e *Várias histórias*, de Machado de Assis, entre outros.³⁶ Para os editorialistas de *O Paiz*, foi essa obra que deu a Pedro Rabelo õesporas de cavaleiroõ e o habilitou a compor o grupo de fundadores da Academia Brasileira de Letras.³⁷ A palavra ãalmaõ no título sugeria o interesse pelo que se passava na consciência dos personagens, ou pela õpsicologiaõ, que era uma das novas ciências do século XIX. O adjetivo ãalheiaõ podia significar recusa, distanciamento ou indiferença *fin-de-siècle*, mas também apontava para o que é do outro, o estranho e a alteridade.

Alguns contos de *A alma alheia* haviam sido testados na imprensa e continuaram a ser publicados nos jornais depois do aparecimento do livro. Em 1894, ãA barricadaõ empatara em primeiro lugar com o conto ãOs porcosõ, de Julia Lopes de Almeida (1862-1934), num concurso promovido pela *Gazeta de Notícias*. Era, por isso, popular entre os leitores. Os contos ãCão!õ e

³⁵ *A Cigarra*, Rio de Janeiro, n. 25, 24 out. 1895, p. 3. A opinião de Bilac era tão importante, que foi reproduzida nos anúncios de venda de *A alma alheia* da Livraria Laemmert. Ver *Almanak da Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1896, p. 275. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

³⁶ *A Notícia*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1896, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

³⁷ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1905, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

õObra Completaõ também haviam sido publicados nas páginas da *Gazeta de Notícias* antes da impressão em livro. õO Jeromoõ aparecera em 1893 no primeiro número do semanário *O Álbum*, editado por Artur Azevedo, e nãA *Cigarra*, em 1895. Além desses, õMana Minducaõ já estampara as páginas de *A Semana*, em 1893, com boa aceitação. Os três restantes eram aparentemente inéditos: õCaso de adultérioõ, õCuriosaõ e õGenial ator!õ. *A alma alheia* foi editado pela Casa MontãAlverne, uma papelaria da rua do Ouvidor que fazia a impressão de guias eleitorais, catálogos de exposições, bilhetes de loteria, folhinhas e, ocasionalmente, publicava ficção e poesia. O livro podia ser comprado nas principais livrarias da capital por 3 mil-réis. A Livraria Laemmert despachou cópias para suas filiais no Recife e em São Paulo.<sup>38</sup> No Maranhão e em Porto Alegre, a Livraria Universal tinha o livro em estoque.<sup>39</sup>

As marcas naturalistas dos contos foram identificadas em várias resenhas. O crítico do *Cidade do Rio* encontrou valor no livro, mas lamentou que as õquatro paredes da análise naturalistaõ asfixiassem os contos (e a alma de poeta) de Pedro Rabelo.<sup>40</sup> Para o articulista do *Jornal do Commercio*, as histórias punham õem ação a fisiologia das paixões que enlutam o homem e o degradam nos vícios ou na insâniaõ, arrematando uma boa definição (ainda que detratora) de ficção naturalista. Por isso, descrevia os contos como õácidentes fisiológicosõ, revelando a crença naturalista de que a existência humana autêntica ocorria no corpo dos personagens, por processos biológicos insubmissos ao intelecto (LEHAN, 2005). Escrevendo na *Revista Brasileira*, José Verissimo (1857-1916) concordou que õa influência do naturalismo zolistaõ nos contos de Pedro Rabelo era evidente. Neles o crítico identificava, para seu desgosto, õas brutalidades escusadas, as fáceis ousadias do naturalismo, quando este já vai em plena decadência, senão em completo desaparecimentoõ (VERISSIMO, 1895, p. 253). Junto com Machado de Assis, Verissimo pertencia à ala resistente ao fisiologismo naturalista, que viam como uma forma de rebaixamento do homem e da literatura (MENDES, 2014). Ser chamado de õnaturalistaõ por esses escritores não era elogio.

<sup>38</sup> *Almanaque da Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1896, p. 275; *Jornal do Recife*, Recife, 19 dez. 1896, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

<sup>39</sup> *Diário do Maranhão*, São Luís do Maranhão, 7 nov. 1895, p. 3; *A Federação*, Porto Alegre, 6 jul. 1910, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

<sup>40</sup> *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 21 out. 1895, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

No prefácio, Pedro Rabelo tece algumas considerações sobre a arte e o campo literário que ajudam a entender seu posicionamento. Ele não reivindica filiação ao naturalismo ou a qualquer outra escola literária. Considera justo que os críticos lhe cobrem os valores clássicos de verossimilhança e adequação da linguagem, mas não abre mão de uma dessemelhança de processos (ou disparidade de estilo), sem a qual não seria possível fazer justiça à diversidade de assuntos da coletânea (RABELO, 1974, p. 20). Era uma forma de se defender de antemão da acusação de falta de unidade (ou personalidade), muito cobrada num campo artístico marcado pela imagem romântica do autor como entidade criadora autônoma, definida pelo estilo próprio (MAINGUENEAU, 2006). O autor positiva a falta de coesão do livro como um antídoto contra a monotonia, tornando-o mais variado e divertido. Critica a cultura do elogio mútuo dos agrupamentos literários, que criara o estranho fenômeno dos desconhecidos autores inéditos, sempre a burilar obras-primas nunca publicadas (talvez inexistentes), por temor à crítica. Ele, ao contrário, apresentava seus contos desiguais para a leitura da crítica severa. Falava isso da posição confortável de escritor ligado ao principal agrupamento literário do país.

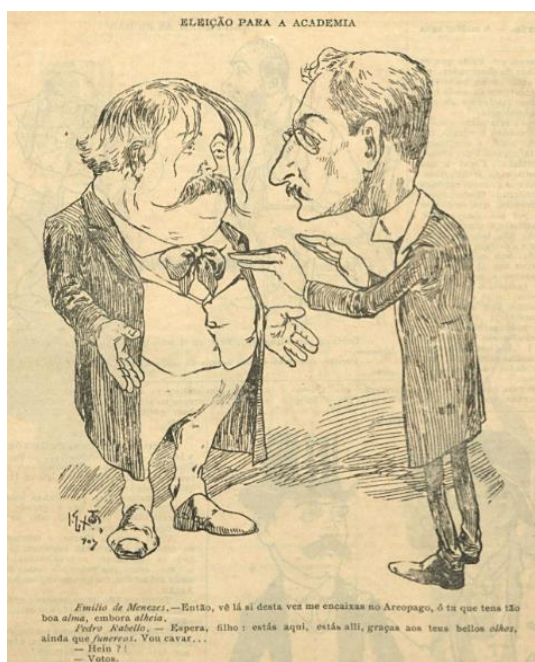
A ficção de Pedro Rabelo é sombria e violenta. Em *Obra completa*, o conto mais longo da coletânea, *Turíbio* sai da cadeia depois de cumprir pena pelo assassinato do amante da mulher. A única coisa que consegue fazer é ir atrás da ex-mulher para matá-la também e completar a obra do título. *Turíbio* não era um assassino frio e inteligente, mas um pobre lavrador que vira sua vida desmoronar e perdera a razão. João Pacheco identificou no conto uma narrativa elíptica que obscurece deliberadamente o desenrolar da trama (PACHECO, 1967, p. 156). O cenário passa da cadeia ao cemitério, onde um destrozado *Turíbio* arruma um emprego de coveiro e onde mata, com a enxada, a ex-mulher. Em *Cão!*, o cenário é uma zona rural seca e triste, um quadro do sertão como *locus horribilis* que aparece no romance naturalista de Rodolfo Teófilo (1863-1932) (FRANÇA & SENA, 2015). A agonia e morte da tia Mariana são narrados com precisão e distanciamento clínicos. No final de *O Jeromão*, quando o corpo do herói homônimo passa a caminho do cemitério, todos notam o mau cheiro. A vida no campo era dura e perigosa. As pessoas morriam como moscas. A morte tinha presença física e não era bonita. No final de *Cão!*, a fúria antirreligiosa de Rufino apontava para o agnosticismo da geração naturalista.

A mesma perspectiva sombria e desiludida aparece em contos urbanos, como o premiado *A barricada*. É uma história sobre a cobiça, com personagens baixos típicos do naturalismo. Descreve outra vez os instantes finais de um moribundo, explicitando a crença naturalista de que depois da morte do corpo físico só havia a noite profunda e espessa da não-existência (RABELO, 1974, p. 54). No prefácio, admite que *A barricada* era narrado com estilo nebuloso, por vezes tateante (1974, p. 19), de modo a sugerir uma atmosfera de apreensão e medo (da morte), tradicionalmente associada ao gótico. Como no caso de Rodolfo Teófilo, a perspectiva científica de fundo se valia de convenções góticas para simbolizar experiências de terror, sem implicar a crença no sobrenatural. Mais realistas, *Curiosa* e *Caso de adultério* têm como foco o casal heterossexual pequeno burguês e retomam a matéria do tédio sexual e da traição conjugal, centrais na ficção do século XIX desde *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert (1821-1880) o ídolo confesso da geração naturalista e parnasiana. Em *Curiosa*, Cocota do Tavares, infeliz no casamento, tem como cúmplice do adultério a manipuladora criada Brígida, em configuração semelhante a Luísa e Juliana, em *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós.

A matéria dos contos de *A alma alheia* é naturalista, mas Pedro Rabelo parece mais preocupado com o efeito (de terror, desengano ou lástima) causado no leitor pela história bem contada. Preocupa-se com as técnicas do conto moderno, certamente herdadas de Edgar Allan Poe (1809-1849), mas já abre mão do evento extraordinário e se contenta com o não-acontecimento, como no conto *Mana Minduca*, talvez o mais festejado da coletânea. Depois de 12 anos sem dar notícias, Eduardo Lustosa manda avisar à noiva Carmina de Barros que está voltando. Narrado com compaixão, o conto é sobre as moças que esperam eternamente pelo namorado à janela da modesta casinha, na expressão do *Jornal do Commercio*.<sup>41</sup> Na hora do reencontro, quando o rapaz avista a noiva à janela, não gosta do que vê e finge não a reconhecer. Ela não o reconhece. *Mana Minduca* é o conto de Pedro Rabelo que mais se aproxima do postulado flaubertiano da rejeição do enredo, da história sobre nada (BAGULEY, 1990, p. 123): *Mana Minduca* debruçou-se quase toda para as trevas; interrogava o fim da rua, longe.

<sup>41</sup>*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

Ninguém; a noite apenasö (RABELO, 1974, p. 39). David Baguley (1990) associa essa literatura a uma vertente de ficção materialista do fim do século XIX que ele chama de ònaturalismo da desilusãoö.



**Fig. 2:** O poeta Emílio de Menezes (1866-1918) negocia o apoio de Pedro Rabelo para as próximas eleições na ABL, em 1903, em caricatura de Kalixto.<sup>42</sup>

### Pedro Rabelo, imitador de Machado de Assis

O empenho de Pedro Rabelo em justificara òdisparidade de estilosö em *A alma alheia* não impediu que o acusassem de imitar o de Machado de Assis ó mancha que o perseguiu até o túmulo e depois dele.<sup>43</sup> Dentre os vários estilos do volume, aquele que se parecia com o do grande escritor era um dos mais salientes e foi notado por vários comentadores. Para seu azar (ou

<sup>42</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 40, 20 jun. 1903, p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>43</sup> Na década de 1950, Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000) e Josué Montello (1917-2006) reproduziram a opinião oitocentista de que havia nos contos de Pedro Rabelo uma òinfluência de Machado de Assis, temperada com o naturalismo de Zolaö (LIMA SOBRINHO, 1958, p. 76; MONTELLO, 1958). Lucia Miguel Pereira, em *Prosa de ficção: história da literatura brasileira*, publicada na mesma década, só tem a dizer sobre Pedro Rabelo que ele foi imitador de Machado de Assis (PEREIRA, 1988, p. 56).

sorte), no mesmo ano do aparecimento de *A alma alheia*, Machado de Assis lançou um de seus livros de contos mais celebrados: *Várias histórias*. Era natural que os resenhistas comentassem sobre os livros lado a lado, estabelecendo inevitáveis paralelos entre eles. Na coluna *Semana Literária*, de *A Notícia*, Valentim Magalhães descreveu Pedro Rabelo como o discípulo mais acentuado e mais distinto de Machado de Assis.<sup>44</sup> José Veríssimo identificou nos contos de *A alma alheia* uma influência tão forte de Machado de Assis, que chegava a parecer um decalque ou uma paródia (1895, p. 251). O articulista Magriço, de *O Paiz*, criticou a mania de Pedro Rabelo de machadizar seus escritos, bebendo o estilo no mestre.<sup>45</sup> Parecia evidente que ele imitava o estilo indeciso de Machado de Assis, na expressão de José Veríssimo, com hesitações de afirmativas e meias tintas (1895, p. 252), como neste trecho de *A barricada*:

Malveiros olhou em roda, voltou-se para a cabeceira, curvou-se um pouco, estendeu o braço. A mão dele mergulhou na almofada; foi lá ao fundo, voltou contraída e trêmula, menos trêmula do que contraída. Não afirmo o que trouxe, porque já não se conhecia bem. Eram papéis, num maço; oleosos, encorpados e úmidos. A alguns, mal se lhes distinguia um rosto de homem. Talvez nem fosse de homem (RABELO, 1974, p. 50).

A parecença com Machado de Assis podia ser usada contra ou a favor de Pedro Rabelo. Para Valentim Magalhães, era uma glória: *A alma alheia*, escreveu, não sofre com vir ao lado de *Várias histórias*, porque nela se ouve, se vê, se apalpa, um grande escritor de amanhã.<sup>46</sup> Artur Azevedo concordava que não se podia fazer maior elogio ao ilustre moço do que compará-lo a Machado de Assis. Pudessem eu e assimilaria também o estilo do nosso grande prosador, escreveu na prestigiosa coluna *Palestra*, em *O Paiz*, deixando claro que ser capaz de imitar Machado de Assis já era prova de talento.<sup>47</sup> Olavo Bilac reconhecia que nunca a imitação será uma qualidade, mas imitar um grande mestre não é um defeito grande, ponderou.<sup>48</sup> O próprio Machado de Assis admitiu que a acusação podia ser exata em relação a alguns contos, mas garantiu, na sua badalada crônica dominical na *Gazeta de Notícias*, que Pedro Rabelo logo

<sup>44</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, 23 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>45</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

<sup>46</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, 23 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

<sup>47</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

<sup>48</sup> *A Cigarra*, n. 25, Rio de Janeiro, 24 out. 1895, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.



encontraria sua õfeição própria e definitiva.<sup>49</sup> Para literatos de outros centros culturais que se sentiam alijados do grupo que criou a Academia Brasileira de Letras, a acusação de imitação servia para deslegitimar os escritores dominantes e a própria agremiação, já que abrigava, entre seus fundadores, um autor õcujo livro de estreia é uma imitação grosseira de Machado de Assis.<sup>50</sup>

A aproximação de Machado de Assis a um autor que os contemporâneos chamavam de õnaturalistaõ coloca desafios para a historiografia. Há õo problema do realismo de Machado de Assisõ, sobre o qual existe respeitável bibliografia e que não cabe aqui aprofundar.<sup>51</sup> Está documentado em vários lugares que ele oferecia resistência ao realismo/naturalismo (a distinção não era clara). Não se pode chamar Machado de Assis de õo introdutor do realismo no Brasilõ, como fazem alguns manuais, sem explicar os vários desmentidos. O naturalismo é evidentemente uma ficção realista, no sentido de que promove um efeito de estreitamento entre o discurso e a realidade que ele evoca (FURST & SKRINE, 1971). O õromance científicoõ fazia isso, mas havia outros subgêneros e modos de execução do mesmo princípio (BAGULEY, 1990). Ser científico não implicava a fé cega na ciência. Seria possível um autor naturalista õmachadizarõ seus escritos? O insuspeito José Verissimo achava que sim. Pedro Rabelo era a estranha criatura que unia Zola a Machado de Assis numa mesma concepção artística. Ele tinha o que Lucia Miguel Pereira chama criticamente de õrigidez agressivaõ (1988, p. 121), ligada ao naturalismo, mas o estilo era do realismo clássico, setecentista, contido e sóbrio, próximo do conto machadiano.

Assim como a comparação entre *A alma alheia* e *Várias histórias* era um convite para buscar vestígios machadianos em Pedro Rabelo, o mesmo valia em direção contrária: haveria marcas naturalistas em Machado de Assis? O crítico do *Jornal do Commercio* achava que sim. O conto õA causa secretaõ, apontou, era um õestudo de casoõ fundamentado em Lombroso.<sup>52</sup> Para

<sup>49</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

<sup>50</sup> Tal acusação foi feita pelo correspondente do *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, em 1897. Além de Pedro Rabelo, o jornalista desqualifica Artur Azevedo, que não passava de um õhãbil e engraçado fabricante de revistas teatraisõ. As acusações foram reproduzidas e rebatidas pelo próprio Artur Azevedo na coluna õPalestraõ de *O Paiz*, 7 mar. 1897, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>51</sup> Ver, entre os mais recentes, *O problema do realismo de Machado de Assis* (2011), de Gustavo Bernardo.

<sup>52</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

Lúcia Miguel Pereira, um traço comum que unia dois livros de índoles tão diversas como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O mulato*, de Aluísio Azevedo ó ambos publicados em 1881 ó, era ão triunfo da observaçãoo, uma marca tradicionalmente associada ao naturalismo e ao primado científico. Os dois livros introduziram õum ângulo de visão diferenteõ no romance brasileiro. Desde então, diz Pereira, õcomeçou-se a escrever para procurar a verdade, e não mais para ocupar os ócios das senhoras sentimentais e de um ou outro cavalheiro dado a leituras frívolasõ (1988, p. 56). õEscrever para procurar a verdadeõ foi um dos princípios sistematizados (e radicalizados) pelo naturalismo no século XIX. Machado de Assis, Pedro Rabelo e os escritores naturalistas compartilhavam a mesma concepção materialista, científica e desiludida de mundo, que fundamentava grande parte da literatura do fim do século (BAGULEY, 1990).

### **Pedro Rabelo, escritor naturalista**

Podemos chamar Pedro Rabelo de escritor naturalista porque sua obra explorava as potencialidades (trágicas e cômicas) de uma era industrial e científica, que revelava novas leis inexoráveis da condição humana (BAGULEY, 1990). Não é uma postulação forçada ou anacrônica, já que escritores contemporâneos o perceberam como tal e o chamaram assim. Sua breve trajetória como cronista, contista e poeta (incluindo os versos licenciosos de Pierrot) revela o fundamento moderno, materialista e científico de sua escrita. A pesquisa não localizou registro em que ele reivindicasse o posicionamento naturalista, mas também não os há em que o negasse. Havia resistências pontuais ao naturalismo em escritores importantes, como Machado de Assis (1839-1908) e José Veríssimo (1857-1916), mas Artur Azevedo e Araripe Júnior (1848-1911), tão importantes quanto, apoiavam e divulgavam (MENDES, 2006). Existia espaço para o naturalismo, como comprovava a trajetória bem-sucedida de Aluísio Azevedo. Talvez Pedro Rabelo não se sentisse preparado para o debate estético, como fez Adolfo Caminha em *Cartas literárias*, publicado no mesmo ano de *A alma alheia*, ou, talvez, não precisasse assinar manifestos, já que escrevia da posição confortável (ao contrário de Caminha) de escritor ligado ao grupo dominante (MANGUENEAU, 2006).

A posição privilegiada abria portas, garantia trabalho nos periódicos de maior prestígio, uma cadeira de fundador da Academia Brasileira de Letras, assim como a palavra amiga nas

colunas mais badaladas, como as de Artur Azevedo e Machado de Assis, dois escritores formadores de opinião, com poder para alavancar (ou fulminar) carreiras. Da geração dos novos, era amigo de Olavo Bilac e contava com a simpatia de Coelho Neto, dois escritores com fama nacional já na década de 1890. Não era pouco. Mesmo assim, só (e ironicamente) sua escrita licenciosa foi publicada por uma livraria com selo de prestígio: a Laemmert. A publicação de *A alma alheia* por uma papelaria sugeria uma dificuldade de inserção no circuito editorial de maior renome, o que era estranho para um escritor a quem Machado de Assis reconhecia como discípulo. Mas o selo da Casa Montalverne não foi empecilho para a inclusão de *A alma alheia* entre os destaques de 1895, confirmando as boas relações do escritor com Valentim Magalhães, outro fundador da ABL, diretor de periódicos e crítico de respeito. Pedro Rabelo tinha talento, cultura e rede de relações e apoio mútuo indispensáveis para uma carreira artística de sucesso (BOURDIEU, 1996). Mesmo assim, fracassou e foi esquecido.

Para ser reconhecido e fazer jus à lembrança póstuma era preciso ser poeta de fibra ou romancista que escreve sobre seu país. Quando *A alma alheia* saiu, Artur Azevedo apostou que Pedro Rabelo ainda escreveria o grande romance com que nos surpreenderá e em cujas páginas os nossos netos examinarão os costumes da sociedade brasileira nos paroxismos do século das luzes.<sup>53</sup> O conselho era claro. Para ser um prosador de peso era preciso escrever um romance documento do seu tempo. Não bastava ser jornalista ou cronista. Ser contista era bom, desde que o romancista predominasse. O naturalismo causava desconforto, mas era menos importante do que a tarefa de escrever a grande epopeia nacional, na qual uma sociedade se lê e se reconhece. Aluísio Azevedo fizera isso em *O cortiço* (1890). Além disso, a originalidade como valor da obra de arte autêntica era inquestionável. A originalidade e o romance da nacionalidade vinham do imaginário romântico. Era o figurino romântico (e não naturalista ou parnasiano) que os escritores dominantes instavam Pedro Rabelo a adotar. Fracassou como poeta e não tinha um romance documento. Tinha um volume de oito contos, sobre os quais a opinião mais conhecida era que imitavam o estilo de Machado de Assis. Não foi original. Morreu cedo. Não tinha nada.

<sup>53</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 out. 1895, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

## Referências

ANDRIES, Lise. Vulgarisation scientifique et naissance de la culture générale. In: KALIFA, Dominique; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Allain (Eds.). *La civilization du journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe. siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011, p. 1467-1475.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: *Gazeta de Notícias* e a defesa da crônica. *Contemporânea*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 7, 2006, p. 45-55.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. *Adolfo Caminha. Vida e obra*. Fortaleza: UFC Edições, 1999.

BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARNES, David. *The making of a social disease: tuberculosis in nineteenth-century France*. Los Angeles: University of California Press, 1995.

BERNARDO, Gustavo. *O problema do realismo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BILAC, Olavo. Ferreira de Araújo. In: \_\_\_\_\_. *Vossa insolência: crônicas*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 184-191.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas. Vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

COELHO NETO, Paulo. *Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Del Zenero & Garone, s.d.

FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. O gótico-naturalismo em Rodolfo Teófilo. *Soletras*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 30, 2015, p. 23-38.

FURST, Lilian; SKRINE, Peter. *Naturalism*. London: Methuen & Co., 1971.

- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo, EDUSP, 1985.
- HUNT, Lynn. Obscenidade e as origens da modernidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. São Paulo: Hedra, 1999, p. 9-46.
- LEHAN, Richard. *Realism and Naturalism. The novel in the age of transition*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005.
- LILTI, Antoine. *Figures publiques. L'invention de la célébrité 1750-1850*. Paris: Fayard, 2014.
- LIMA SOBRINHO, Alexandre Barbosa. O conto urbano no Brasil. In: *Curso de conto. Conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1958, p. 61-87.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim. *Quando eu era vivo. Memórias de 1867 a 1934*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- MENDES, Leonardo. Júlio Ribeiro, o naturalismo e a dessacralização da literatura. *Pensares em revista*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 4, jul. 2014, p. 26-42.
- \_\_\_\_\_. O livro pornográfico na *Belle Époque*: a década de 1890 e a invenção da leitura alegre. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (Orgs.). *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. São Paulo: Ed. Intermeios, 2016a, p. 303-320.
- \_\_\_\_\_. Livros para Homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 53, dez. 2016b, p. 173-191.
- \_\_\_\_\_. As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil. In: MELLO, Celina Maria Moreira; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Orgs.). *Crítica e movimentos estéticos: configurações narrativas do campo literário*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p.137-165.
- MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo, ponte entre o Brasil e Portugal. *Via Atlântica*, Universidade de São Paulo, n. 8, dez 2005, p. 221-229.
- MONTELO, Josué. O conto brasileiro de Machado de Assis a Monteiro Lobato. In: *Curso de conto. Conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1958, p. 133-168.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PACHECO, João. *A literatura brasileira: o realismo*. São Paulo: Cultrix, 1967.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *O carnaval das letras. Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

\_\_\_\_\_. Literatura e história social: a geração boêmia no Rio de Janeiro do fim do Império. *História Social*, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 29-64, 1994.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920). História da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

RABELO, Pedro. *A alma alheia*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

\_\_\_\_\_. *Casos alegres: histórias para gente sorumbática*. Rio de Janeiro: Livraria Laemmert, 1905.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

SIMÕES JÚNIOR, Álvaro. *A sátira no Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2007.

VERÍSSIMO, José. *A alma alheia, contos por Pedro Rabelo*. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo IV, out.-dez. 1895, p. 250-253. Disponível em: <http://memoria.bn.br>.

### Pedro Rabelo, naturalist writer

**Abstract:** This work tells the story of the ignored writer Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905). The writer disappeared from historiography, but belonged to the same generation of Olavo Bilac (1865-1918) and Coelho Neto (1864-1934). Like them, he was an active writer in the early days of the Republic, in fiction and journalism, and a founding member of the Brazilian Academy of Letters (1897). He published



four books in his lifetime: *Ópera lírica* (1893), a book of poetry; *A alma alheia* (1895), a book of short stories, both signed with his own name; *Filhotadas* (1897) and *Casos alegres: histórias para sorumbáticos* (1905) are signed by the pseudonym Pierrot and collect humorous texts published in periodicals. The work speculates about the reasons for Pedro Rabelo's disappearance and suggests his inclusion in the list of Brazilian naturalist authors.

**Keywords:** Brazilian literature. Naturalism. Pedro Rabelo. Machado de Assis.

**Recebido em:** 03 de outubro de 2017.

**Aprovado em:** 17 de outubro de 2017.